

O ENSINO DE LEITURA A PARTIR DO GÊNERO FÁBULA

Zenaide Maia*

RESUMO. O presente artigo pretendeu abordar os vários aspectos da leitura, desde as primeiras letras, passando pelas várias etapas escolares em que o leitor-aprendiz se apropria de estratégias de leitura na tentativa de tornar-se leitor competente, para chegarmos enfim ao status de leitor maduro. Neste breve tecer de idéias, refletimos também acerca do papel do professor como responsável por ensinar as estratégias que poderão levar ao sucesso do leitor na empreitada do ato de ler. Nesta etapa escolar, superada a fase da decodificação, utilizamos como apoio ao ensino das estratégias, o gênero do narrar “fábula”, por acreditar ser esse um gênero propício a todas as séries do ensino básico e rica fonte para utilização das estratégias de leitura. As estratégias antes, durante e depois da leitura foram trabalhadas em sala de aula através de uma seqüência didática. Sendo oportunizado aos alunos o ensino de estratégias de leitura que, segundo pode-se observar pelo desenvolver das atividades propostas, bem como, pela produção final, contribuíram significativamente para o avanço na capacidade leitora.

Palavras-chave: leitura, estratégias, fábula, leitor-maduro

ABSTRACT. The present article intended to show the many aspect of the reading, from the first letters, going through the several scholar stage where the learning reader take advantages of the reading strategys in order to become a competent reader, to achieve the status of a mature reader. In this brief ideias, we also thought about the teacher role as responsible to teach these strategys which will lead the reader into a successful reading hability. During this scholar stage, once the stage of first letters is overcome, then we can use as a link to the teaching strategys narrating fable, believing it is suitable to all level of elementary school and a rich source to use the literature strategys. The strategys before, during and after the reading were worked in class through the didactics sequence. This way it was given the students the opportunity to apply the reading strategys, where wew could watch their improvement during the proposed activities. They suprisely improved their hability of reading.

Key words: reading, strategies, fable, mature-reader

*Professora do Quadro Próprio do Magistério do Estado do Paraná na área de Língua Portuguesa, graduada em Letras (Português-Inglês).
E-mail:colussimudas@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultante de estudos realizados no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), criado pelo Governo do Estado do Paraná em parceria com as Instituições de Ensino Superior, a fim de atender aos professores do Quadro Próprio do Magistério, no sentido de proporcionar contato com as universidades como forma de formação continuada e interação entre os níveis de ensino. Neste caso, em particular, a instituição em que os estudos foram realizados, trata-se da Universidade Estadual de Maringá, na área de Língua Portuguesa, no decorrer de um ano e meio de trabalho, maio de 2007 a dezembro de 2008. A temática escolhida para pesquisa e desenvolvimento do projeto foi a leitura, centrando o objeto de estudo nas estratégias de leitura aplicadas ao gênero fábula, com o objetivo de verificar se o ensino de estratégias possibilitaria o amadurecimento do leitor, que ao apropriar-se de uma série de estratégias, poderia utilizá-las para resolver os problemas que surgissem no decorrer da leitura do texto. Deste modo foi aplicada uma seqüência didática com alunos de 6ª série do Ensino Fundamental de uma escola de rede pública. No decorrer deste artigo apresentaremos síntese do embasamento teórico sobre leitura, leitor competente, estratégias de leitura, gênero textual e seqüência didática e os resultados obtidos com o desenvolvimento do projeto.

O ATO DE LER

Uns sem número de definições sobre o ato de ler foram elaboradas. Para alguns seria extrair o significado do texto, para outros ainda, seria atribuir um significado. De uma forma geral, poderíamos dizer que, a leitura é basicamente um processo de representação, já que envolve o sentido da visão. Leffa afirma que ler é reconhecer o mundo através de espelhos que nos oferecem uma visão fragmentada do mundo, sendo assim, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.

Ler o mundo, mesmo antes do acesso ao mundo letrado, realizamos este tipo de leitura. Crianças muito pequenas ainda, ou pessoas iletradas, lançam mão deste recurso para realizar a leitura. Segundo Leffa, sem triangulação não há leitura, ou seja, é preciso associar a leitura a um conhecimento internalizado. Por exemplo, um bebê associa a imagem da mãe ao ato da alimentação, ao aconchego ou sensação de bem-estar, por isso, chora quando não a vê e sorri ou manifesta contentamento quando esta está presente. Assim, também, uma mesma imagem pode trazer diferentes sensações, de acordo com as experiências vividas por cada um. Então, uma casa vai oferecer tantas leituras quantas forem as posições de cada um dos observadores em relação à casa. O arquiteto fará uma leitura arquitetônica, o sociólogo uma leitura sociológica, o ladrão uma leitura estratégica, e assim por diante.

No sentido de que ler é extrair significado do texto, temos o foco da leitura no texto, que, de acordo com esta concepção, tem um significado preciso, exato e completo, que o leitor-minerador pode obter através do esforço e da persistência. A leitura deve ser cuidadosa e acompanhada de dicionário sempre que surgir alguma dúvida em relação ao significado de alguma palavra, a adivinhação de

palavras novas deve ser evitada porque a leitura é um processo exato e a compreensão não aceita aproximações. Esta tendência, porém, apresenta sérias limitações, o verbo extrair não reflete o que realmente acontece na leitura, pois o conteúdo não se transfere do texto para o leitor, mas antes se reproduz no leitor, sem deixar de permanecer no texto.

Se tomarmos o ato de ler na acepção de atribuir significado, teremos o significado voltado para o leitor. Sendo que o mesmo texto poderá provocar visão diferente da realidade em cada leitor e até mesmo em cada leitura, dependendo da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. Também aqui nos deparamos com certos problemas quanto à quantidade de informações fornecidas pelo texto, que tanto podem ser a mais, tornando-se o texto redundante, quanto a menos, tornando-se o texto uma seqüência de lacunas. Nos dois casos, exige-se do leitor uma série de potencialidades, no sentido de processar apenas a informação necessária no primeiro caso, ou preencher as lacunas deixadas pelo escritor, no último, o qual precisa possuir, além de conhecimentos sintáticos, semânticos e textuais, capacidade de captar a realidade histórico-social refletida pelo texto.

Nas duas definições anteriores, podemos perceber que ora o foco está no texto, ora está no leitor. Porém, para compreender o ato da leitura temos que considerar um terceiro elemento, o que acontece quando leitor e texto se encontram, ou seja, a interação entre o leitor e o texto. Neste processo, o leitor precisa possuir, além das competências fundamentais para o ato da leitura, a intenção de ler, e esta é uma característica exclusiva do ser humano.

Para Dell'isola (1996), o ser humano é sujeito praticante da leitura, uma vez que decifra, compreende, interpreta, avalia o signo. Sendo capaz de interagir com diversas formas de linguagem, por meio de sua leitura do mundo. Sendo assim, as condições de interação sujeito/linguagem em leitura, são bastante amplas, o que levou a autora a tentar organizar o ato de ler sob três enfoques que se complementam:

1. a leitura como habilidade fundante do ser humano;
2. a leitura como prática social;
3. a leitura como ato de co-produção de textos.

O primeiro enfoque refere-se a leitura primitiva que eleva o ser humano a condição de sujeito, partindo da atividade fundante de interação com outro sujeito. Sendo admitida pelas ciências psicológicas como uma das primeiras manifestações de leitura do ser humano, o ato do bebê, que quando está saciado move sua cabeça de lado a lado, inaugurando, assim o princípio do "não". Ação esta que é uma leitura da realidade e provoca na mãe uma leitura interpretativa do ato de amamentar.

No sentido de leitura como prática social o sujeito leitor passa a interagir com o texto, relacionando-o as suas marcas individuais e as determinadas pelo lugar social de onde provém o sujeito, possibilitando várias leituras para um mesmo texto, de acordo com as condições psicológicas e afetivas vivenciadas pelo leitor. A educação formal, no entanto, busca estabelecer como padrão ideal de leitura aquela produzida pela classe dominante. Levando o sujeito-leitor a reproduzir as

leituras preestabelecidas pelo social, sem contudo, enxergar outras possibilidades de entendimento do texto.

Para concluir, abordando a leitura como ato de co-produção do texto, temos que texto e leitor exercem influência um sobre o outro, uma vez que o texto nunca está acabado. O texto é enunciação projetada pelo autor em um processo de interação permanente. Sendo o leitor co-produtor do texto, completando-o com sua bagagem histórico-sociocultural. Para que isto se efetive, é necessária a ativação de todo um processo cognitivo, desde a percepção do texto e sua posterior decodificação, passando pela compreensão, pelos processos inferenciais até a interpretação, que é um novo texto.

O leitor competente

Ler é compreender o texto e compreender é um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. Para ler é preciso ter objetivo, saber para quê ler o texto, encontrar sentido no fato de efetuar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura. Para que possa se lançar no terreno da leitura, o leitor precisa ter conhecimentos prévios sobre o que se propõe a ler e a partir de então elaborar esquemas, como os descritos por Coll (1990), que o levem a compreensão, escolhendo as estratégias que devem ser utilizadas para aquele determinado texto. No contato com o novo no texto nosso conhecimento anterior sofreu uma reorganização, tornou-se mais completo e mais complexo, permitindo relacioná-lo a novos conceitos, e por isso, podemos dizer que aprendemos.

Um leitor competente é capaz de selecionar, diante das inúmeras possibilidades de leitura que circulam socialmente, aquelas que podem atender a sua necessidade, utilizando as estratégias de leitura adequadas para apropriar-se do texto. O leitor competente compreende o que lê, identifica elementos implícitos, relaciona o texto que lê a outros textos já lidos, sabe que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, justifica e valida a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Este amadurecimento só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos diversos.

Segundo Foucambert (1994), controlar a leitura significa obter informação sobre o questionamento inicial, discutir as estratégias de exploração, medir o caminho percorrido, significa também formular um juízo sobre o escrito.

Ainda para Solé (1998), o leitor competente compreende e interpreta textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos. O leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios. O leitor especialista atribui sentido e significado ao texto. O bom legente é laborioso perante essa tarefa, tem objetivos para ela, se auto-interroga sobre o conteúdo e a própria compreensão.

Já Kleiman (1989) evidencia a importância dos conhecimentos prévios e dos esquemas para a compreensão da leitura. “O leitor hábil aciona seus esboços de idéias para facilitar o entendimento prévio.”

Estratégias de leitura

De acordo com Menegassi (2005), estratégias são procedimentos conscientes ou inconscientes utilizados pelo leitor para decodificar, compreender e interpretar o texto e resolver os problemas que encontra durante a leitura. Estas devem ser ensinadas aos alunos do Ensino Fundamental, para que os conteúdos sejam aprendidos de maneira mais adequada, tornando o trabalho do professor e do aluno mais propício. Cada texto requer uma estratégia de leitura, em função de sua especificidade, de seu conteúdo, de sua forma. Assim, a formação de um leitor competente necessariamente passa pelo ensino de estratégias de leitura, pela prática em textos sociais, pelo desenvolvimento de uma autonomia no leitor para escolher a estratégia certa ao texto trabalhado.

São quatro as principais estratégias elencadas por Goodman (1987) e Smith (1991) após muitas pesquisas desenvolvidas na área da Psicolinguística, as quais passam a ser detalhadas a seguir.

a) Seleção:

Estratégia que permite ao leitor ater-se apenas ao que lhe é útil no texto, desprezando aquilo que é irrelevante. Por exemplo, na leitura de um jornal, onde através das manchetes, ou índice da primeira página, o leitor seleciona apenas aquilo que lhe interessa.

b) Antecipação:

Durante a leitura do texto, o leitor vai construindo hipóteses e previsões que poderão ser confirmadas ou refutadas ao longo do texto. O que lhe possibilita observar se as estratégias utilizadas estão dando conta de esclarecer o que está sendo lido, ou ainda se há necessidade de rever as estratégias, caso as previsões não sejam confirmadas. Como no exemplo do texto no jornal, onde pelo título, o leitor já antecipa algumas previsões sobre o texto.

c) Inferência:

Esta é uma estratégia que conta com os conhecimentos prévios do leitor sobre o assunto que está sendo lido. Utilizando-se das pistas textuais oferecidas pelo autor, o leitor complementa o texto, recorrendo aos conhecimentos prévios que tiver armazenado sobre o tema. Assim, ao ler uma manchete no jornal, o leitor aciona seus conhecimentos sobre o assunto para construir inferências sobre o tema, as quais serão comprovadas ou descartadas durante a leitura.

d) Verificação:

Esta estratégia vai permitir que se verifique com exatidão se as demais estratégias escolhidas pelo leitor até o momento estão sendo eficazes ou não. O que possibilitará através da confirmação das previsões levantadas e das inferências realizadas, uma maior segurança ao leitor na construção de sentido para o texto trabalhado. Ou ainda, caso as hipóteses levantadas não se mostrem adequadas. O leitor possa escolher novas estratégias que lhe possibilitem esclarecer o texto trabalhado.

Além destas estratégias citadas até o momento, o leitor pode lançar mão das estratégias em etapas para construir a compreensão de um texto. Estas etapas

ocorrem antes, durante e depois da leitura. O conhecimento destas etapas permite ao leitor dominar o processo. Passamos agora a descrevê-las separadamente apenas por uma questão didática, embora saibamos que a leitura não obedece esta linearidade, estando o leitor preocupado apenas em desvendar o significado do texto, podendo estas etapas confundirem-se entre si.

a) Antes da leitura:

O professor pode fornecer explicações gerais sobre o que será lido, chamando a atenção para os aspectos do texto que podem ativar o conhecimento prévio: título, subtítulo, enumerações, sublinhados, mudanças de letras, introduções e resumos e incentivando os alunos a exporem o que já sabem sobre o tema.

b) Durante a leitura:

Nesta etapa o leitor busca obter maior compreensão sobre o texto, sendo necessário maior esforço de leitura para obter êxito na tarefa. Assim o número de estratégias utilizadas tende a ampliar-se, podendo ser divididas em seis: formulação de previsões; formulação de perguntas; esclarecimento de dúvidas; resumo de idéias; avaliação do caminho percorrido e realização de novas previsões; relacionamento da nova informação adquirida do texto ao conhecimento prévio armazenado. Sendo que todas elas ocorrem concomitantemente e recursivamente.

c) Depois da leitura:

Nesta fase uma estratégia necessária é a identificação da idéia principal do texto lido, que irá demonstrar a capacidade do leitor em compreender o texto. O leitor poderá também, produzir um resumo escrito, através da estratégia de formular e responder perguntas.

Todo este trabalho utilizando as estratégias de leitura deverá ser conduzido pelo professor, que necessariamente deverá servir de modelo de leitor competente e referência de leitura para seus alunos.

Gêneros textuais

Segundo Marcuschi (2002), gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social que determinam as situações comunicativas. São caracterizados pela maleabilidade e dinamismo, pois surgem da necessidade de comunicação de cada época histórica. Quando, numa primeira fase, a cultura dos povos era essencialmente oral, o número de gêneros era bastante reduzido, com a evolução da sociedade e o surgimento da cultura escrita foram se multiplicando, surgindo os típicos da escrita. Evoluindo para a fase da cultura impressa, até chegar aos dias atuais, na denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, ocasionando uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto oral como escrita. Isto mostra que

os gêneros textuais, surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. São caracterizados muito mais por suas funções comunicativas que por suas especificidades lingüísticas e estruturais. Como vimos, os gêneros com sua diversidade de formas podem surgir ou desaparecer de acordo com a necessidade comunicativa a que se presta em um determinado tempo histórico e social.

De acordo com Dolz e Schneuwly (1996), seria impossível sistematizar os gêneros devido a sua diversidade. Portanto, enfocaremos o agrupamento de gêneros, respeitando três critérios essenciais: que correspondam às grandes finalidades sociais legadas ao ensino, respondendo às necessidades de linguagem em expressão escrita e oral, em domínios essenciais da comunicação em nossa sociedade; que retomem, de modo flexível, certas distinções tipológicas que já figurem em numerosos manuais e guias curriculares; e que sejam relativamente homogêneos quanto às capacidades de linguagem dominantes implicadas na mestria dos gêneros agrupados.

Segundo esta proposta os gêneros estão provisoriamente divididos em cinco agrupamentos: gêneros da ordem do narrar, que abrange a cultura literária ficcional, do relatar, onde estão a documentação e memorização das ações humanas; do argumentar, que trata da discussão de problemas sociais controversos; do expor, que concentra a transmissão e construção de saberes e de descrever ações, que traz as instruções e prescrições.

Para o trabalho aqui relatado utilizamos o gênero da ordem do narrar, fábula, que segundo Barbosa (2001), é um gênero que, como tantos outros gêneros narrativos, registra as experiências e o modo de vida dos povos. Salieta ainda que, é por meio destas histórias que ouvimos, por meio da tradição oral ou registradas nos livros, que aprendemos lições importantes para o convívio em sociedade. Apesar de parecerem historinhas para crianças, onde encontramos animais que falam e agem como seres humanos, as fábulas, inicialmente, foram criadas para serem contadas para adultos, como forma de aconselhá-los e distraí-los. Sendo que, através dos tempos, muitos autores renomados se dedicaram a contar e escrever fábulas.

A fábula tem mais de mil anos de existência, surgiu da necessidade do homem em contar histórias de todos os tipos, que relatassem suas aventuras ou que explicassem os fenômenos da natureza, umas que falavam do cotidiano, outras de seres mágicos, ou de animais ou objetos com qualidades humanas. Caracteriza-se por transmitir algum ensinamento, para fazer alguma crítica, uma ironia etc. Geralmente, no final das fábulas, aparece uma frase destacada, a moral da história. Este gênero tem acompanhado a evolução da humanidade, sendo produzidas de acordo com o que as pessoas de uma determinada época pensam sobre o estilo de vida daquela sociedade. Assim, as fábulas têm servido como registro histórico dos valores e do modo de agir tido como certo em sociedade ao longo dos tempos, se mantendo até nos dias atuais.

No Brasil temos como representante célebre deste gênero, o escritor Monteiro Lobato, que escreveu o livro "Fábulas", no qual recria e reconta fábulas de Esopo, de La Fontaine, além de contar suas próprias fábulas. Através de suas fábulas, o autor preocupava-se em preparar as crianças para a vida em sociedade. Na década de 60, outro autor renomado se rendeu a este gênero, Millôr Fernandes,

que publicou “Fábulas Fabulosas”, que acrescenta os temas políticos com humor sarcástico, próprio do autor, impondo um tom atual a velha forma das fábulas.

A fábula pretende prender a atenção do leitor a uma situação central, vivida por duas ou três personagens, e dela extrair a moral da história, que pode servir de conselho, crítica ou sátira. Sem necessidade de que o tempo e o lugar sejam muito detalhados, pois nela o quando e o onde acontece à história não são tão importantes, a não ser que estes dados sejam importantes para que o leitor compreenda a história.

Seqüência Didática: uma proposta de uso das estratégias de leitura a partir do gênero fábula

Passaremos agora a apresentação da seqüência didática aplicada em uma turma de 6ª série do Ensino Fundamental da Rede Pública do Estado do Paraná. Este conjunto de atividades foi organizado em torno do gênero textual fábula, obedecendo ao esquema descrito por Dolz et al. (2004), visando colocar em prática as estratégias descritas por Solé (1998).

Inicialmente, o professor apresentou aos alunos um projeto coletivo de produção de um gênero escrito, deixando bem claro qual o gênero que seria trabalhado, fábula, a quem se dirigiria à produção, toda a comunidade escolar, a forma de produção, escrita, e que quem participaria da produção seriam todos os alunos.

Na seqüência, passamos à dimensão dos conteúdos, onde foram aplicadas as estratégias antes da leitura para resgate dos conhecimentos prévios. Desta forma, o professor lançou alguns questionamentos sobre o gênero a ser trabalhado, para delimitar os conhecimentos que os alunos possuíam sobre o gênero:

- Você conhece o gênero fábula?
- Já ouviu ou leu alguma?
- Onde normalmente encontramos estas histórias?
- O que as diferencia de outros textos?
- Para quem são escritas?
- Você considera que as ilustrações são importantes para compreender o texto? Por quê?

Ainda trabalhando com as estratégias antes da leitura, o professor utilizou os aspectos do texto que podem ajudar a ativar os conhecimentos prévios. Para esta tarefa foi utilizada a fábula “No dia em que o gato falou”, de Millôr Fernandes. Neste momento, foi apresentado o título e a ilustração, o que possibilitou o

levantamento de hipóteses sobre o que seria tratado no texto. Assim foram elaborados os seguintes questionamentos:

- Observe o título, algo de inovador nele?
- Podemos encontrar neste título alguma característica que compõe a fábula?
- A partir do título o que podemos esperar encontrar no texto?
- Sobre o que vai tratar?
- O título nos fornece pistas que indiquem tratar-se mesmo de uma fábula? Quais?
- Você já conhecia algum outro texto deste autor? Qual?
- Você considera este título interessante?

Sobre a ilustração:

- Observe a ilustração, o que ela lhe sugere?
- O que lhe sugere a fisionomia da mulher e a do gato?
- Que recurso utilizado nas histórias em quadrinhos aparece na ilustração?
- Com que finalidade este recurso foi utilizado?
- Por que o cartunista utiliza na ilustração algumas letras?
- A palavra “power” presente na ilustração significa poder, autoridade, por que aparece na ilustração?

Na etapa seguinte, o professor passou a trabalhar com as estratégias durante a leitura, com a apresentação do texto para a leitura e verificação das hipóteses levantadas no módulo anterior. Passamos ao levantamento do tema:

- Após a leitura do texto, você considera que se confirmaram às idéias sugeridas pelo título e ilustração?
- Qual é o assunto da fábula de Millôr Fernandes?

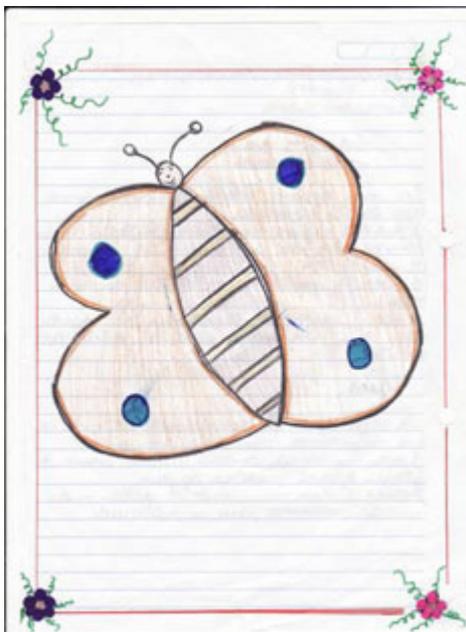
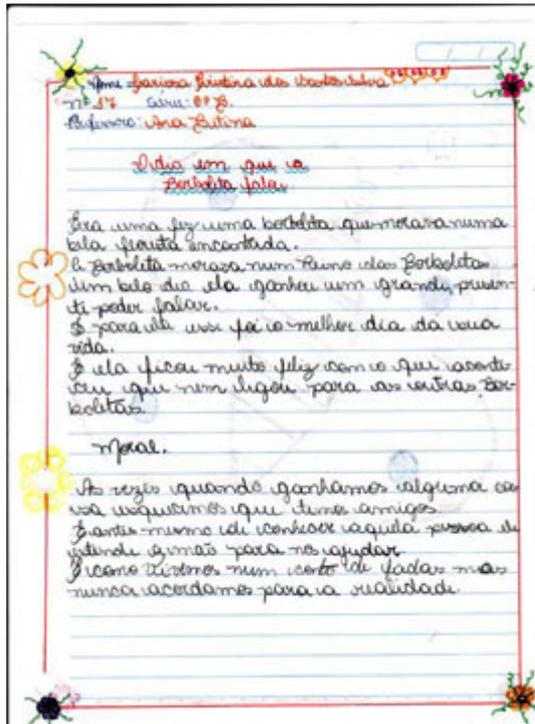
- O experimento científico da senhora deu certo? Por quê?

Dando continuidade, passamos a explorar a estrutura composicional da fábula:

- Em que local ocorre a fábula e quem participa dela?
- Quando ocorrem os fatos?
- É possível determinar com exatidão quando ocorrem os fatos? Como?
- Como a fábula se inicia? Existe semelhança com outras histórias que você já ouviu? Quais?
- O texto tem quantos parágrafos?
- O título nos fornece pistas sobre o que seria tratado no texto? Quais?
- É comum encontrarmos uma fábula, uma moral para a história. Neste texto a moral foi propositalmente omitida. Crie uma possível moral para esta fábula.

Seguindo a proposta de Perfeito (2005), o professor voltou-se para a análise lingüística, com as seguintes questões:

- Há marcas de temporalidade no título? Como se apresenta? Causa algum efeito? Qual?
- Qual o verbo que confere ao gato atitude humana?
- Quem conta a história? O discurso está em primeira ou em terceira pessoa?
- Que sinal gráfico marca as falas dos personagens?
- Qual o significado da palavra parlapatão dentro do texto?
- Que palavras do texto imitam os sons produzidos pelos animais que participam da fábula?
- O autor atribui ao gato uma série de qualidades. Estas qualidades contribuem para o desenvolvimento da história? Explique e comprove no texto.



Considerações finais

O presente trabalho procurou considerar algumas teorias acerca da utilização das estratégias de leitura em sala de aula, como forma de ensino da leitura, tema este sempre tão controverso, quando se trata de estabelecer padrões para o ensino da leitura na escola. Muitos estudiosos se debruçam a tecer comentários e a estabelecer estatísticas sobre o quadro desfavorável no grau de proficiência em leitura dos nossos estudantes. Inúmeros são os motivos levantados para o fracasso escolar nesta área. O MEC, em documentos oficiais editados em 1997, destaca dois fatores como principais responsáveis pelo fracasso dos nossos leitores: o ensino oferecido pelas escolas públicas brasileiras pressupõe conhecimentos que, na verdade, os alunos de camadas populares não possuem, uma vez que elas ensinam segundo modelos adequados a um aluno que não é aquele que efetivamente se encontra em sala de aula. E a defasagem na cognição e nos níveis de conceitualização do escrito, decorrentes de as camadas populares estarem privadas de práticas e experiências com a leitura e a escrita faz com que os alunos se encontrem muito aquém do ponto que se instituiu como início da aprendizagem escolar (MEC, 1997; São Paulo, 1997).

Porém o desempenho dos estudantes brasileiros na área de leitura nos revelou um panorama ainda mais dramático que o citado acima, pois não apenas os estudantes das escolas públicas e de camadas populares apresentaram desempenho negativo, mas, também os de escolas particulares e pertencentes a camadas mais abastadas. O que nos leva a crer que a dificuldade com a leitura tornou-se uma síndrome nacional. Cerca de 80% dos brasileiros não conseguem compreender textos simples, o que os leva a categoria de analfabetos funcionais.

Torna-se, contudo, infrutífero ficarmos apenas no terreno das causas sem procurarmos alternativas que produza melhoria nos resultados. Sabemos, também, que com raríssimas exceções, o ambiente escolar é o único que propicia certo contato com o mundo letrado. Pois, nos dias atuais, somos bombardeados diariamente com uma gama de informações, sem que isto se transforme necessariamente em conhecimento. Cabe, então, a escola e mais especificamente ao professor a tarefa de minimizar este quadro.

A seqüência didática apresentada neste trabalho e aplicada em sala-de-aula, com alunos da 6ª série do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública configura-se como uma proposta de ensino de leitura através da utilização de estratégias que visam ensinar ao leitor aprendiz formas de interagir com o texto que lhe possibilitem compreender o que está sendo lido.

Referências

- DELL' ISOLA, R.L.P. A interação sujeito-linguagem em leitura. In: MAGALHÃES, I. (Org.). As múltiplas faces da linguagem. Brasília: UNB, 1996, p. 69- 75.
- DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. (1996). "Apprendre à écrire ou comment étudier la construction des capacités langagières?". *Études de Linguistique Appliquée*, 102, pp. 73-86.
- DOLZ, J. et al. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Ed.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de letras, 2004. p. 95-128.
- FERNANDES, M.T. O. S. Trabalhando com os gêneros do discurso. Narrar: fábula/ coleção Jacqueline Peixoto Barbosa – São Paulo: FTD, 2001 – (Coleção trabalhando com os gêneros de discurso).
- FOUCAMBERT, J. A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 5-13.
- GOODMAN, O processo da leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. In: FERREIRO, E.; PALACIO, M.G. (Org.). Os processo de leitura e escrita: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987 . p. 11-22.
- KLEIMAN, A. Leitura: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes,1989.
- LEFFA, V.J. Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolingüística. Porto Alegre: Sagra de Luzzatti, 1996, p. 9-24.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Gêneros textuais e ensino. Org. DIONISIO, A. P. et al. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MENEGASSI, R. J. Estratégias metacognitivas no processo de leitura. *Revista Unimar*, Maringá, v. 14, n.2, p. 155- 166, out. 1992.
- Estratégias de leitura. In: MENEGASSI, R.J. (Org). *Leitura e ensino*. Maringá: EDUEM, 2005, p. 77-98.
- SMITH, Frank. Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler. 3; ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- SOLÉ, I. Estratégias de leitura. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Anexo



NO DIA EM QUE O GATO FALOU

Millôr Fernandes

Era uma vez uma dama gentil e senil que tinha um gato siamês. Gato siamês! Gato de raça, de bom-tom, de filiação, de ânimo cristão. Lindo gato, gato terno, amigo, pertencente a uma classe quase extinta de antigos deuses egípcios. Este gato só faltava falar. Manso e inteligente, seu olhar era humano. Mas falar não falava. E sua dona, triste, todo dia passava uma ou duas horas repetindo sílabas e palavras para ele, na esperança de que um dia aquela inteligência que via em seu olhar explodisse em sons compreensivos e claros. Mas, nada! A dama gentil e senil era, naturalmente, incapaz de compreender o fenômeno. Tanto mais que ali mesmo à sua frente, preso a um poleiro de ferro, estava um outro ser, também animal, inferior até ao gato, pois era somente uma pobre ave, mas que falava! Falava mesmo muito mais do que devia! Um papagaio que falava pelas tripas do Judas. Curiosa natureza, pensava a mulher, que fazia um gato quase humano, sem fala, e um papagaio cretino, mas parlapatão. E quanto mais meditava mais tempo gastava com o gato no colo, tentando métodos, repetindo sílabas, redobrando cuidados, para ver se conseguia que seu miado virasse fala. Exatamente no dia 16 de maio de 1958 foi que teve a idéia genial. Quando a idéia iluminou seu cérebro, veio logo acompanhada da crítica, autocrítica: “Mas, como não ocorreu isso antes” perguntou ela para si própria, muito gentil e senil como sempre, mas agora também autopunitiva. “Como não me ocorreu isso antes?” O papagaio viu o brilho da dona o seu (dele) terrível destino e tentou escapar, mas estava preso. Foi morto, depenado, e cozinhado em menos de uma hora. Pois o raciocínio da mulher era lógico e científico: se desse ao gato o papagaio como alimentação, não era evidente que o gato começaria a falar? Não era? O gato, a princípio, não quis comer o companheiro. Temendo ver fracassado o seu

experimento científico, a dama gentil e senil procurou forçá-lo. Não conseguindo que o gato comesse o papagaio, bateu-lhe mesmo - horror! - pela primeira vez. Mas o gato se recusou. Duas horas depois, porém, vencido pela fome, aproximou-se do prato e engoliu o papagaio todo. Imediatamente subiu-lhe uma ânsia do estômago, ele olhou para a dona e, enquanto esta chorava de alegria, começou a gritar (num tom meio currupaco, meio miau-aua-au (mas perfeitamente compreensível):- Madame, foge pelo amor de Deus!). Foge, madame, que o prédio vai cair. Corre madame, que o prédio vai cair! A mulher, tremendo de comoção e de alegria, chorando e rindo, pôs-se a gritar por sua vez: - Vejam, vejam, meu gatinho fala! Milagre! Milagre! Fala o meu gatinho! Mas o gato, fugindo ao seu abraço, saltou para a janela e gritou de novo: - Foge, madame, que o prédio vai cair! Madame, foge! - e pulou para a rua. Nesse momento, com um estrondo monstruoso, o prédio inteiro veio abaixo, sepultando a dama gentil e senil em meio aos seus escombros. O gato, escondido melancolicamente num terreno baldio, ficou vendo o tumulto diante do desastre e comentou apenas, com um gato mais pobre que passava: - Veja só que cretina. Passou a vida inteira para fazer eu falar e, no momento em que falei, não me prestou a mínima atenção.